

## A RELAÇÃO ENTRE OS ASPECTOS SONORO-MUSICAIS E A DINÂMICA DO GRUPO EM MUSICOTERAPIA

Talita Faria Almeida<sup>12</sup>, Claudia Regina de Oliveira Zanini<sup>13</sup>, Ludmila de Castro Silva<sup>14</sup>,  
Roberta Borges dos Santos<sup>15</sup>

Página | 39

### Resumo

Trata-se de uma pesquisa qualitativa onde foram realizadas observações de atendimentos musicoterapêuticos grupais a fim de investigar quais as relações dos aspectos sonoro-musicais dos participantes do grupo e a dinâmica grupal. A pesquisa ocorreu durante o curso de graduação, entre os anos de 2010 e 2011, no Programa Institucional de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sendo coordenada e supervisionada por uma professora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Durante a primeira fase da pesquisa realizou-se a revisão de literatura, buscando referenciais teóricos sobre o assunto abordado, e a segunda parte destinou-se à fase de observações. Foram observadas seis sessões de um processo grupal, para a coleta de dados utilizamos o Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia (ZANINI, 2003), o que possibilitou melhor organização e praticidade na observação e relato das sessões observadas. Pode-se notar a semelhança das produções sonoras dos participantes do grupo com as características do papel grupal que cada um desempenhou.

**Palavras-Chave:** Musicoterapia; Aspectos Sonoro-musicais; Dinâmica de grupo.

<sup>12</sup> Bacharel em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás. Ex-participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Link para o currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/0943849608345535> E-mail: tatittafaria@gmail.com

<sup>13</sup> Doutora em Ciências da Saúde/Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás - UFG, Mestre em Música/Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/UFG, Especialista em Musicoterapia em Educação Especial e em Saúde Mental/EMAC/UFG, Graduada em Piano/UFG e Administração de Empresas/UCG. Pesquisadora e Professora do Curso de Musicoterapia da EMAC/UFG, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, Líder do NEPAM - Núcleo de Musicoterapia (Grupo de Pesquisa do CNPq). Link para o currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/8042694592747539> E-mail: mtclaudiazanini@gmail.com

<sup>14</sup> Bacharel em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás. Ex-participante do Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica (PIVIC/CNPq). Link para o currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/6112374685265822> E-mail: ludmilacast@gmail.com

<sup>15</sup> Mestre na área de Educação e Saúde pela Universidade Federal de Goiás (2012). Possui graduação em Musicoterapia pela Universidade Federal de Goiás (2004) e graduação em Licenciatura em Educação Musical pela Universidade Federal de Goiás (2008). Link para currículo *lattes*: <http://lattes.cnpq.br/3949646950531266> E-mail: romusicoterapia@hotmail.com

## Abstract

This work is a qualitative research where observations were made of primary care music therapy group in order to investigate the relationships of sound-musical aspects of the group participants and group dynamics. The research has occurred during the course of undergraduate, between the years 2010 and 2011, in the Institutional Program of Scientific Initiation of the National Council for Scientific and Technological Development, which is supervised and coordinated by a professor at the School of Music and Performing Arts of the Federal University of Goiás. During the first phase of the research took place on seeking review of theoretical literature on the subject matter and the second section devoted to the phase observations. We observed six sessions of a group process for data collection used the Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia (ZANINI, 2003), which allowed better organization and convenience in observation and reporting of the sessions observed. It may be noted the similarity of the sound productions of the group participants with the characteristics of the role that each group has played.

**Keywords:** Music therapy; sound-musical aspects; group dynamics.

---

## Introdução

A música é uma produção essencialmente humana que vem acompanhando o ser humano no decorrer de sua história. Desde os primórdios a música era utilizada pelo homem como facilitadora de suas tarefas cotidianas (BRENNER; FRIGATTI, OSELAME, 2006). Atualmente a música continua sendo utilizada pelo homem de inúmeras maneiras e para diversos fins, seja como forma de expressão, comunicação, interação, dentre outras. A utilização da música em rituais de cura e, especialmente, em processos terapêuticos não é recente. Sua utilização científica, em processos musicoterapêuticos, teve início no período pós Segunda Guerra Mundial (BARANOW, 1999).

Costa (2010) defende a música como uma linguagem terapêutica, comunicativa e partilhada. Realizando uma pesquisa, a autora investigou as significações atribuídas a trechos ouvidos por pacientes psicóticos e pacientes normais. Para isso, foram selecionados dois grupos, um com pacientes esquizofrênicos internos de uma instituição e outro com pacientes normais. Nas audições realizadas eram gravadas e colhidas as referências verbais que os participantes faziam no final de cada trecho, a fim de construir o perfil de reação à música dos dois grupos. Depois de colhidas, transcritas e analisadas as falas dos participantes, os resultados mostraram que a música desperta diferentes recordações e mesmo a percepção dos elementos sonoros

se modifica de acordo com a experiência de vida de cada um. Entretanto, os afetos despertados se assemelham, o que levou os pesquisadores a comprovar que a música é uma linguagem compartilhada e que pode ser usada terapeuticamente.

Por ser considerada como uma linguagem não verbal, afirma-se que a música é capaz de acessar áreas de nossa psique, que dificilmente outros estímulos atingem, acessando conteúdos que por vários motivos não comunicamos a nós mesmos. (RUUD, 1990, p. 89).

Segundo Baranow (1999), a musicoterapia utiliza-se:

[...] dos efeitos que a música pode produzir nos seres humanos nos níveis físico, mental, emocional e também social, atuando como um facilitador de expressão humana dos movimentos e sentimentos promovendo alterações que levem a um aprendizado, uma mobilização e uma organização interna que permitam ao indivíduo evoluir em sua busca, seja ela qual for (p.10).

Cada indivíduo experimenta a música de forma singular. O modo como uma pessoa ouve ou faz música é uma manifestação de sua identidade como ser humano, refletindo quem essa pessoa é e a forma como ela lida com várias situações exemplificadas pela música. (BRUSCIA, 2000).

O musicoterapeuta se depara constantemente com processos grupais em sua prática clínica. Portanto, com várias áreas de aplicação da Musicoterapia e como diversas instituições conduzem ao trabalho com grupos, torna-se fundamental para o musicoterapeuta, no decorrer de sua formação, atentar-se para questões relacionadas a grupo, sua dinâmica e seus processos internos. (CRAVEIRO DE SÁ ; ESPERIDIÃO, 2004).

Em um processo terapêutico, a dinâmica grupal é determinada pelas relações interpessoais que, por sua vez, é obtida através da comunicação humana. Para que estas relações aconteçam é preciso que a comunicação seja vivenciada da forma mais autêntica possível. Para isso é necessário que exista, realmente, o contato, o encontro com o outro de forma aberta, sem bloqueios e futuros ruídos nessa comunicação. (MAILHIOT, 1981).

Moscovici (2002) ressalta que as relações interpessoais se desenvolvem em decorrência dos processos de interação humana. Estes processos ocorrem permanentemente entre as pessoas sob diferentes formas, sejam comportamentos manifestos e não-manifestos, verbais e não-verbais, pensamentos, sentimentos. Segundo Barcellos (1992), "os sons musicais facilitam as relações interpessoais. Eles

aproximam ou reaproximam os homens, levam-nos a se agruparem, a comentar uma empatia...” (p.17).

As interações musicais presentes nas relações terapêuticas acontecem por meio do encontro com o outro, com o diálogo musical. Segundo Barcellos (*Op. Cit.*), as interações musicais possibilitam ao paciente não só expressar os seus conteúdos, mas também internalizar o que é expresso pelos demais. A autora, citando Watzlawick (1977), também ressalta a importância dessas interações no processo musicoterapêutico, pois “a interação terapeuta-paciente vai propiciar a modificação das situações conflitivas, através da introdução de dados novos na percepção que o paciente tem da realidade que vivencia”. (BARCELLOS, 1992, p.11).

A dinâmica dos grupos consiste na atuação de todos os indivíduos em relação à tarefa do grupo e aos outros participantes. Essa atuação se dá em função do papel que o indivíduo ocupa no grupo e do momento que este atravessa. Freire (1992) apresenta os papéis grupais definidos por Pichon Riviére:

- Líder de Resistência: é aquele que apresenta dificuldade no contato com o novo, com o diferente, chamando a atenção do grupo a acontecimentos anteriores.
- Líder de Mudança: é aquele que leva o grupo para cima, o que enfrenta as dificuldades e sugere caminhos e saídas.
- Porta-Voz: é aquele que capta os conflitos, os impasses que o grupo está vivendo e consegue devolvê-los ao grupo.
- Bode Expiatório: é o membro qual o grupo joga todas as responsabilidades dos conflitos e dificuldades existentes no grupo. O grupo joga para ele a culpa de todos os problemas e ele recebe.
- Silencioso: é aquele que assume as dificuldades dos demais para estabelecer a comunicação fazendo com que o resto do grupo se sinta obrigado a falar.

A leitura e a análise do processo grupal, realizadas pelo terapeuta de grupo, são de grande importância. A partir destas, o profissional saberá intervir com segurança no decorrer das sessões, visando alcançar os objetivos traçados inicialmente. Para Egler (2009):

Somente o “saber observar e analisar”, ou seja, a capacidade de ler o processo grupal oferece ao coordenador os subsídios necessários para que ele possa efetuar eventuais mudanças e variar os recursos técnicos a serem empregados e assim concretizar seus objetivos e sintonizar-se com a real necessidade do grupo.

Zanini, Munari e Costa (2009) ressaltam a importância de se aprofundar os estudos acerca da dinâmica grupal relacionando-a com a leitura musicoterápica, pois esta vai além de uma leitura essencialmente musical das expressões sonoro-musicais. As autoras também enfatizam que devem ser observados os papéis grupais estabelecidos, além dos meios e dos instrumentos que levam ao estabelecimento das relações interpessoais durante o decorrer do processo musicoterápico.

“O musicoterapeuta trabalha com a musicalidade das pessoas” (CUNHA, ARRUDA e SILVA, 2010). Sendo assim, cabe ao musicoterapeuta que trabalha com grupos observar e avaliar, dentro do *setting*, os aspectos sonoro-musicais de cada membro do grupo e os aspectos sonoro-musicais que são próprios do grupo como um todo.

O musicoterapeuta necessita de ferramentas e instrumentos que auxiliem seu trabalho, tanto para a realização das sessões como para a coleta e para a análise dos comportamentos dos membros do grupo. Um protocolo de observação sistematizado, que contenha informações acerca do comportamento, da comunicação verbal e não verbal, dos processos de interação entre os pacientes muito contribuirá para a leitura e análise do grupo, trazendo novos olhares para a compreensão do processo musicoterapêutico.

Este trabalho se justifica pela necessidade de o musicoterapeuta observar e analisar a movimentação musical do grupo, as características musicais de cada participante do grupo e as relações dos aspectos musicais da produção de cada indivíduo com as características do papel grupal que este desempenha, a fim de compreender a dinâmica grupal.

A pesquisa realizada teve como objetivos: relacionar os aspectos sonoro-musicais e a dinâmica do grupo em Musicoterapia; analisar e buscar a compreensão das expressões e comunicações sonoro-musicais dos pacientes em atendimentos grupais em Musicoterapia utilizando o protocolo de observação de grupos, elaborado na primeira fase da pesquisa de Zanini (2003); e, acrescentar conhecimentos para profissionais da área, possibilitando a compreensão dos aspectos sonoro-musicais presentes nas relações interpessoais do grupo e a utilização de um novo modelo de coleta de dados dos aspectos grupais em Musicoterapia.

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual foram observados os fenômenos desencadeados em indivíduos participantes de um grupo que vivenciou atendimentos musicoterápicos. Para Strauss; Corbin (2008), a pesquisa qualitativa refere-se a qualquer tipo de pesquisa que produza resultados interpretativos, não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Seu principal objetivo é desenvolver teoria e não testar hipóteses. Pode se referir também à “pesquisa da vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, e sentimentos.” (p.23).

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira delas desenvolveu-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, englobando dinâmica grupal e expressão musical/corporal no contexto grupal em Musicoterapia.

Na segunda etapa realizou-se a pesquisa de campo, onde ocorreram observações de sessões de Musicoterapia em grupo, que foram realizadas por uma pesquisadora discente do Programa de Pós-Graduação da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG. Foram observados um total de seis atendimentos, nos quais a pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) permaneceu dentro da sala. Só participaram como sujeitos da pesquisa aqueles com idade acima de dezoito anos, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados teve como principal instrumento o Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia, elaborado na primeira fase da pesquisa (ZANINI, 2003). Este instrumento (ZANINI, MUNARI e COSTA, 2009) foi construído contendo três partes (comunicação no *setting* musicoterápico, envolvimento e dinâmica do grupo). No presente estudo utilizou-se principalmente a primeira parte, que se subdivide em: forma de expressão, tipo de comunicação através da expressão verbal, tipo de comunicação através da expressão não-verbal, formas de expressão não-verbal, efeito da comunicação não-verbal, efeito da experiência musical receptiva e relação corpo-espço.

Como instrumentos de coleta de dados foram também utilizados: relatórios, anotações, filmagens e gravações das sessões, todos com a devida autorização individual dos participantes dos grupos.



Durante as duas etapas da pesquisa realizaram-se reuniões semanais com a professora orientadora responsável pelo projeto, com discussões sobre o material encontrado nas revisões bibliográficas, sobre a utilização do Protocolo, além de participações em algumas supervisões dos atendimentos realizados pelas pesquisadoras mestrandas.

## Resultados e Discussão

Tal como descrito na metodologia da pesquisa, foram observados seis atendimentos grupais em Musicoterapia. As sessões ocorreram semanalmente com a duração entre 60 a 90 minutos, nas dependências da instituição onde os participantes trabalhavam. O grupo foi formado por onze adultos, de ambos os sexos, com idade entre 26 e 48 anos. Os principais pontos observados no decorrer dos atendimentos e as relações com a fundamentação teórica revisada na primeira etapa da pesquisa serão descritos a seguir.

Durante as observações realizadas foi possível perceber o quanto a comunicação não verbal se fazia presente, e, especificamente a expressão sonoro-musical, revelava o que o participante estava sentindo e o papel que este desempenhava no grupo. Foram utilizadas pela musicoterapeuta do grupo as quatro experiências musicais definidas por Bruscia (2000): improvisação, audição, composição e recriação musical.

Na primeira sessão observada a experiência utilizada foi a improvisação musical. Nesta experiência, os participantes do grupo se expressam livremente utilizando instrumentos, a voz e o corpo. A improvisação foi dividida em duas partes, sendo que na primeira delas os participantes expressaram os sentimentos que eles sentiram no início de sua atuação profissional e, no segundo momento, como eles se sentem na profissão hoje.

Segundo Bruscia (2000) essa experiência musical tem como objetivo dar sentido à auto-expressão, explorar os aspectos do eu em relação aos outros, desenvolver a capacidade de intimidade interpessoal, habilidades grupais, criatividade, liberdade de expressão e espontaneidade.

A referida sessão contou com muitos elementos musicais, pois os participantes conseguiram se expressar utilizando os instrumentos, o canto e a dança. A produção musical do grupo foi muito distinta nos diferentes momentos observados.

No primeiro momento da improvisação cada participante experimentava os instrumentos e se expressava sozinho, parecendo não levar em conta a produção do outro. A produção sonora desta parte da sessão foi desestruturada e confusa, pois não houve um padrão rítmico, melódico ou harmônico bem delineado.

No segundo momento da sessão, o grupo espontaneamente começou a se reunir e tocar em conjunto, a partir de um trecho da 9ª Sinfonia de Beethoven, iniciada por um dos participantes. Este se dirigiu ao atabaque tocando de forma que o som do instrumento sobrepunha as sonoridades dos demais instrumentos que eram de pequeno porte, liderando assim a produção sonora. Começou-se assim uma reprodução de sambas, onde todo o grupo se reuniu em círculo, tocando, dançando e cantando juntos.

Segundo Fregtman (1989), citado por Sousa (2007), “a utilização dos instrumentos musicais na musicoterapia nos apresenta um riquíssimo espectro no qual cada instrumento, assim como a forma que é executado, tem um significado diferente” (p. 17).

Especificamente neste caso, o participante citado acima assumiu o papel de líder de mudança e a sua escolha do instrumento fez referência à função que este representou no grupo neste dia. O atabaque, sendo um instrumento de percussão grande, proporciona a possibilidade de se tocar sons com altas intensidades, liderando os sons dos outros instrumentos, assim como também oferece a possibilidade de se expressar nele sons com baixa intensidade, dependendo assim da intenção que o executante almeja.

Outro aspecto notado foi que a partir do momento em que os participantes cantaram canções conhecidas por todos ocorreu um processo de interação (MOSCOVICI, 2002) e uma integração grupal, percebida tanto na disposição do espaço, quanto na execução da atividade, resultando em um produto sonoramente organizado e integrado.

Segundo Brandão, Millecco e Millecco Filho (2001), a música está relacionada com a necessidade do ser humano de expressar seu mundo interno, subjetivo. Para os autores, o canto é um elemento terapêutico muito poderoso, tanto para o cantor que se expressa quanto para o ouvinte, por causa das imagens e dos sentimentos que se associam à música.

No exemplo dado acima, o participante líder demonstrou a necessidade de produzir algo estruturado, onde todos os participantes tocassem juntos. Assim, o grupo



aderiu à proposta e surgiram canções conhecidas por todos, o que facilitou a integração. Oliveira (2007) afirma que as canções servem como espelho e denotam aquilo que precisa ser resolvido. Também ajudam a resolver situações, dando suporte para as necessidades internas. A canção familiar e favorita pode representar um objeto transacional, ou seja, pode servir como apoio.

As atividades posteriores realizadas no grupo basearam-se nas canções que surgiram nessa experiência de improvisação. Quando foi proposta a elaboração de uma composição musical, os participantes fizeram uma paródia da canção “Trem das Onze”, uma das canções presentes na sessão anterior. A paródia realizada continha na letra o nome de todos os participantes e alguma característica de cada um. A ausência de alguns participantes foi evidenciada e correspondia à parte central da canção composta, o refrão.

Discorrendo sobre a coesão grupal Yalom (2006) nos diz que fazer parte de um grupo aumenta a autoestima e a dependência de seus membros, que passam a “contribuir para o bem-estar do grupo e internalizam a atmosfera de um grupo coeso. (...) Assim, os membros de um grupo de terapia passam a significar muito uns para os outros”. (p. 64). Essa significação foi revelada na composição musical realizada pelo grupo.

Bruscia (2000) traz como um dos objetivos da composição musical a habilidade de documentar e comunicar conteúdos internos. A ausência que o grupo sentia de alguns membros foi expresso na canção indicando assim a significação que estes possuem.

Durante a composição da canção, cada participante do grupo contribuiu, porém cada um teve um envolvimento diferente, tanto na produção da letra, quanto na execução musical. O Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia (ZANINI, 2003) evidenciou a expressão sonora de cada um dos participantes, auxiliando assim a leitura e a análise dos papéis expressados pelos membros do grupo.

Pudemos perceber que o líder de mudança foi o participante que utilizou instrumentos que fornecem a possibilidade de se tocar com sonoridade forte, fazendo a divisão de vozes e tocando instrumentos de forma não convencional. O participante que assumiu o papel de silencioso (Pichon-Rivière) não tocou nenhum instrumento e cantou com intensidade baixa, quase não opinando na construção da letra, a não ser quando a letra se referia a si mesmo. O porta-voz do grupo sempre participava da

composição do produto e evidenciava a dificuldade de algumas pessoas em alcançar as notas agudas da canção, propunha soluções.

Durante as duas últimas sessões observadas a técnica utilizada pela musicoterapeuta do grupo foi a re-criação musical. Na atividade proposta na quinta sessão os participantes deveriam pensar em uma pessoa amada e deixar surgir na mente uma canção. Após a atividade eles se reuniram em círculo e foram convidados a compartilhar os sentimentos despertados.

Durante o processamento alguns participantes conseguiram expressar as canções e sentimentos que foram despertados durante a primeira parte da sessão, porém alguns deles demonstraram dificuldades em cantar as músicas trazidas, dizendo se esquecer da letra. Outros membros não cantaram, justificando que sua voz era feia. Assim, quando o(s) participante(s) começava(m) a cantar e interrompiam a canção, o grupo seguia cantando com e para o participante.

Brandão, Milleco e Milleco Filho (2001) definem o *Canto Falho*, principalmente nos casos de esquecimento, como uma tentativa de mascaramento defensivo, impedindo assim a tomada de consciência de conteúdos internos. Entretanto, quando o grupo continua a cantar aquele sentimento que é individual (de um participante), o mesmo sentimento passa a ser do grupo, indicando assim a interatividade dos participantes e a coesão grupal.

Segundo Bruscia (2000) a re-criação musical permite a interpretação e comunicação de ideias e sentimentos além de melhorar as habilidades interativas de grupo. Já a coesão grupal, no que diz Yalom (2006), é definida como “o resultado de todas as forças que agem sobre todos os membros, de maneira que permaneçam no grupo, ou, (...), a atração de um grupo por seus membros”. (p.62).

A mesma proposta de re-criação foi mantida na sexta sessão, mas com um diferencial, os participantes deveriam se lembrar de acontecimentos felizes e deixar emergir uma canção que representasse esse evento. No centro da sala havia um tecido disposto em forma de círculo. Ao perguntar sobre o que era a musicoterapeuta respondeu que aquele círculo representava um palco onde o grupo iria apresentar as canções que surgissem. Todos os participantes cantaram suas canções na íntegra, alguns com coreografia, até mesmo aqueles que se queixavam de sua voz. As apresentações individuais aconteceram no centro do círculo e, em um caso específico, uma participante pediu para que na sua vez dois colegas do grupo cantassem uma

canção para ela, canção esta que fora dedicada a ela por esses membros em outra ocasião.

Vê-se assim a coesão grupal, que é importante, pois possibilita ao indivíduo o compartilhamento afetivo de seu mundo interior e a aceitação dos outros. Esse fato faz com que o paciente abandone a visão que tem de si mesmo como uma pessoa inaceitável e detestável (achar sua voz feia, por exemplo). Assim, os grupos de terapia produzem um circuito de auto reforço positivo: confiança - auto revelação - empatia - aceitação - confiança. (YALOM, 2006, p.63).

As expressões e comunicações sonoras expressas pelos participantes do grupo puderam ser compreendidas e analisadas através da utilização do Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia (ZANINI, MUNARI e COSTA, 2009). Tendo em vista a produção musical e os acontecimentos do processo grupal, percebeu-se o quanto a expressão sonoro-musical se relaciona com o desenvolvimento de papéis e a dinâmica do grupo, tornando-se assim um elemento fundamental para a leitura e a análise realizada pelo terapeuta de grupos.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa demonstrou a existência de uma relação próxima entre os elementos sonoro-musicais dos membros de um grupo com a dinâmica grupal. A utilização do Protocolo de Observação de Grupos em Musicoterapia (ZANINI, MUNARI e COSTA, 2009) contribuiu para a leitura e análise do processo, pois auxiliou o registro, a compreensão e a análise de aspectos grupais importantes.

No processo grupal musicoterapêutico os membros se expressam e se comunicam através da música. Cada participante, em sua produção individual, contribui para a construção da produção sonora grupal, pois esta tem o compartilhamento das ideias individuais e grupais. Todos estes aspectos são de fundamental importância para a leitura da dinâmica grupal. As características pessoais de cada membro do grupo determinam o papel que este irá desenvolver no decorrer do processo grupal.

Assim, se a musicoterapia permite ao indivíduo expressar-se de maneira única, seja ela através da fala, do corpo ou dos aspectos sonoro-musicais, essa experiência será ainda mais rica quando vivenciada em um grupo, pois acrescentará ainda mais um fator importante: a relação do indivíduo com outro indivíduo. A música permite uma

liberdade de expressão individual dentro do grupo e estabelece relações pessoais múltiplas entre seus membros, sejam eles executantes e/ou ouvintes.

Essa pesquisa demonstrou o quão importante é para o musicoterapeuta atentar-se à produção sonoro-musical de cada membro e do grupo a fim de relacioná-las à dinâmica que este vivencia. Para tanto o musicoterapeuta necessita de ferramentas que o auxiliem na coleta e análise desses aspectos fundamentais na terapia de grupos.

## Referências

AVILA, L.A. **O grupo como método**. Disponível em: <<http://www.institutoraiz.com.br/biblioteca/artigo06.pdf>> Acesso: 08/06/2011.

BARANOW, A.L.V.M. **Musicoterapia: uma visão geral**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARCELLOS, L.R.M. **Cadernos de musicoterapia n.1**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Musicoterapia n.3**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BRANDÃO, M.R.E.; MILLECO FILHO, L.A.; MILLECO, R.P. **É Preciso Cantar: Musicoterapia, Cantos e Canções**. Rio de Janeiro, Enelivros, 2001.

BRENNER, T.; FRIGATTI, E.; OSELAME, M. **Análise da utilização da música funcional em supermercados na cidade de Curitiba**. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, XII, 2006, Goiânia. Anais Online. Goiânia: UFG, 2006. Disponível em: <http://www.sgmt.com.br/anais12sbmt.html>. Acesso em: 29 mar. 2010.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Tradução por Mariza V. F. Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 312 p.

COSTA, C.M. **Música e Psicose**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2010.

CRAVEIRO DE SÁ, L.; ESPERIDIÃO, E. C. **Dinâmica do Relacionamento Humano: uma experiência interdisciplinar na formação do musicoterapeuta**. SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, IV, 2004, Goiânia. Anais Online. Goiânia: UFG, 2004. Disponível em: < [http://www.anppom.com.br/anais\\_banco.php](http://www.anppom.com.br/anais_banco.php)>. Acesso em: 13 de maio de 2012.

CUNHA, R; ARRUDA, M; SILVA. *Homem, música e Musicoterapia*. In: **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.1, p.1-141, 2010. Disponível em:<[http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/NEPIM\\_conteudo.pdf](http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/NEPIM_conteudo.pdf)> Acesso: 08/06/2011.

EGLER, I.H. **A importância da Observação na Coordenação de Processos Grupais**. 2009. Disponível em: <<http://www.sobrap.org.br/wp-content/uploads/2009/07/microsoft-word-a-importancia-da-observacao-nos-processos-grupais-isabel-egler-ag02009.pdf>> Acesso: 08/06/2011.

FREIRE, M. Escola, grupo e democracia. In: Grossi, E.P. e Bodin (col). **A paixão de aprender**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

MAILHIOT, G.T. **Dinâmica e Gênese dos grupos**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. Rio de Janeiro: Olympio, 2002.

OLIVEIRA, F.T. **Os efeitos do canto na Musicoterapia**. 2007. 68 p. Monografia – Faculdade Paulista de Artes. São Paulo, 2007.

RUUD, E. **Caminhos da Musicoterapia**. Tradução por Vera Wrobel. São Paulo: Summus, 1990.

STRAUSS, A. CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2<sup>a</sup> ed. Trad.: Luciane de O. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2008. Disponível em: <[http://www.sgmt.com.br/tcc\\_oliveira\\_os\\_efeitosdocantonamusicoterapia.pdf](http://www.sgmt.com.br/tcc_oliveira_os_efeitosdocantonamusicoterapia.pdf)>. Acesso em: 08/06/2011.

SOUSA, T.P. **A musicoterapia como auxílio na comunicação de pessoas com deficiência mental.** 62 p. Monografia – Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Goiânia, 2007. Disponível em: <[http://www.sgmt.com.br/musicoterapia/comunicacaodeficienciamental\\_talita\\_sousa.pdf](http://www.sgmt.com.br/musicoterapia/comunicacaodeficienciamental_talita_sousa.pdf)> Acesso: 08/06/2011.

ZANINI, C.R.O. **A Movimentação de Grupos em Musicoterapia:** vivenciando musicalmente papéis grupais. Projeto de pesquisa cadastrado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFG. 2003. (n/p)

ZANINI, C.R.O; MUNARI, D.B; COSTA, C.O. **Proposta de Protocolo para Observação de Grupos em Musicoterapia.** XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA, XI FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA E IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, 2009. Anais. Curitiba: Griffin, 2009. Disponível em: <[https://docs.google.com/fileview?id=0B73Xng5XEKFNWExYTM2ZDktZDk5MS00NTdkLTNmNjktMzhmNTc5ZTg2MTFj&hl=pt\\_BR](https://docs.google.com/fileview?id=0B73Xng5XEKFNWExYTM2ZDktZDk5MS00NTdkLTNmNjktMzhmNTc5ZTg2MTFj&hl=pt_BR)> Acesso: 07/06/2011.

YALOM, I. D. **Psicoterapia de Grupo:** teoria e prática. Traduzido por Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2006.